

# GILBERTO FREYRE, MEU PAI

FERNANDO DE MELLO FREYRE

“‘Casa-Grande & Senzala’ legou aos brasileiros a radiografia de um povo e da sua cultura”

**S**ofrido e constringido com a perda de um companheiro, de um conselheiro e sobretudo de um amigo, e estando meu pai ainda insepulto, na sala principal da casa de Apipucos, cercado de amigos, de livros e de recordações, pude recordar passagens de sua vida familiar e de escritor e meditar sobre os possíveis futuros que nos esperam.

Estou certo, verdadeiramente certo, de que a herança deixada pelos homens no mundo não se mede pelos bens que, em vida, conseguiram amearhar. A herança real, a que fica e dignifica a vida e se conserva na memória, é constituída pela ação que, no homem, à margem das vaidades e dos valores perecíveis serve, sóbria e despojada, para a formação e aperfeiçoamento das criaturas humanas, coletivamente, dentro da comunidade. As idéias, o trabalho, a entrega — tudo o que não persegue o gratuito louvor, o conjunto de realizações que o homem desenvolve espontânea e generosamente, como uma imposição do destino ou uma fatalidade. E homens assim, generosos, que passam pela vida franciscanamente na sua grandeza, revelando ao mundo o seu subúrbio, pintando bem a sua aldeia, servirão sempre de exemplo às gerações novas e às gerações vindouras. Estarão sempre à frente do tempo. Do tempo e do seu pensamento futuro.

A dignidade de viver e conviver em plenitude, aliada ao ato de criar também em plenitude, sempre constituirão exemplos para os homens. E certamente, mesmo quando os homens se encantam — para usarmos a expressão de Guimarães Rosa —, os que assim vivem e convivem, os que criam e constroem, passam a se incorporar naturalmente à nossa memória. Estes, durante e depois da vida, nunca deixaram de merecer e receber louvores e homenagens. A quem conheça e estude a

vasta obra de Gilberto Freyre, iniciada na década de trinta com um ensaio magistral e, ainda hoje, básico para a compreensão da formação da cultura brasileira, não poderá deixar de ocorrer que ela é uma vasta interpretação do homem tropical, do homem situado nos trópicos. “Casa-Grande & Senzala” é um livro germinal pelo que dele surgiram de pioneirismos, de descobertas, de antecipações. Um livro desbravador e indispensável para a compreensão da infância do Brasil, do madrugado do Brasil como nação e civilização insurgentes. E uma das qualidades de “Casa-Grande & Senzala”, admiravelmente completado por “Sobrados e Mucambos” e “Ordem e Progresso”, é a sua atualidade mesmo depois de cinquenta anos de publicado.

Em “Casa-Grande & Senzala”, conhecido internacionalmente pelas contribuições trazidas para a compreensão do Brasil e pelo novo personalíssimo método, pelo pioneiríssimo modo de abordagem sociológica, histórica e antropológica, há uma permanente juventude. Aquela juventude que conserva as obras-primas e os clássicos de todos os tempos. Nele estão lançadas não só as sementes do que viria a ser a “lusotropicologia” — que Gilberto Freyre desenvolveria em outros ensaios — mas também as sementes do urbanismo, do conceito de modernidade, do tempo tribio e outras antecipações e pioneirismos do autor brasileiro, pernambucano do Recife e sempre fiel ao seu subúrbio de Apipucos.

Munido dos critérios das ciências sociais, pôde o autor de “Casa-Grande & Senzala” legar aos brasileiros o “Seminário de Tropicologia”, sendo dele o seu criador e idealizador. O seminário, hoje parte integrante do Instituto de Tropicologia da Fundação Gilberto Freyre, surgiu para completar um esforço de interpretação da sociedade brasileira e de outras culturas tropicais que

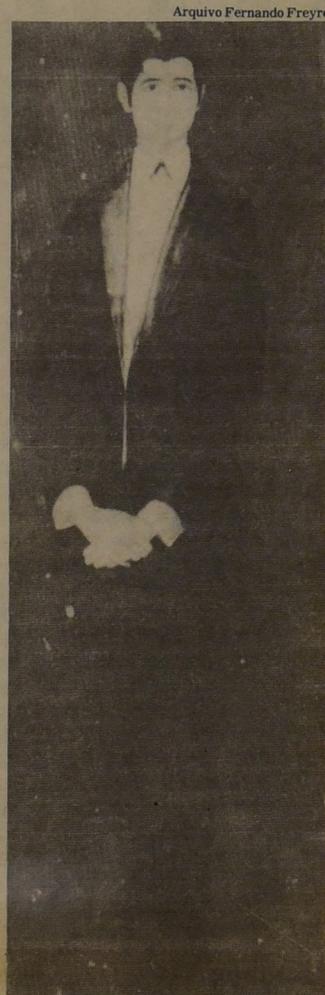
já vinha da adolescência de Gilberto Freyre quando ele escrevia os seus artigos, enviados da América do Norte para o “Diário de Pernambuco”, e que desaguiariam em ensaios notáveis: “Casa-Grande & Senzala”, “Sobrados e Mucambos”, “Ordem e Progresso”, “Nordeste”, “Região e Tradição” e tantos outros que revolucionaram as ciências sociais no Brasil.

E, também por inspiração de Gilberto Freyre e graças à sua visão futurológica quando deputado federal por Pernambuco, foi criado no já longínquo ano de 1949, o Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, órgão pioneiro, no Brasil, no estudo sistemático e disciplinar da realidade social brasileira, notadamente das regiões Norte e Nordeste. A fundação Joaquim Nabuco, que o sucedeu, tem cabido a execução de algumas pesquisas de alta relevância para o desenvolvimento brasileiro.

Gilberto Freyre foi também a mola mestra e impulsionadora do Congresso do Centro e do Movimento Regionalista, Tradicionalista e Modernista do Nordeste. É fácil verificar nos seus artigos da época, publicados no “Diário de Pernambuco”, e pela organização do “Livro do Nordeste”, editado quando do centenário do “Diário”, que o seu polêmico e discutido manifesto não surgiu de um improviso ou muito menos do nada.

## Caráter nacional

A sua formação americana e européia, os seus encontros com Boas, Giddings, Menchen, Armstrong, Yeats, Tagore, Vachel, Lindsay, Amy Lowell, lhe fizeram ver o Brasil com outros olhos. E a sua tese de mestrado na Universidade de Columbia demonstrava essa sua preocupação quando ele abordou um problema tão delicado para a inteligência brasileira, como a questão do caráter nacional. Do sentido da experiência sócio-cultural do brasileiro; questão para a qual, apesar da sua importância, não havia, até então, análise rigorosamente científica, nem resposta intelectualmente consciente. “Vida Social no Brasil nos Meados do Século 19” iniciou, desta



Gilberto Freyre retratado em óleo sobre tela por Vicente do Rêgo Monteiro, em 1923

maneira, a redescoberta do Brasil pelos brasileiros. “Casa-Grande & Senzala” legou aos brasileiros a radiografia de um povo e da sua cultura; a síntese interpretativa do seu caráter, do seu modo particular de ser, de pensar, de sentir, a partir da sua formação histórica. E estas abordagens foram posteriormente desdobradas em outros livros, especialmente em “Sobrados e Mucambos” e “Ordem e Progresso” que, juntamente com “Casa-Grande & Senzala” formaram a grande trilogia da interpretação sócio-antropológica do Brasil e dos brasileiros.

Foi ele que, desmistificando os tabus, considerou o negro escravo co-colonizador do Brasil e reconheceu que sem o negro, como homem de trabalho agrário, não teria se desenvolvido e consolidado no Brasil, a complexa civilização canavieira que, a despeito de negativos, os mais lamentáveis, afirmou-se em positivos valiosos. E sempre destacou que a contribuição do negro para essa realização brasileira acrescentou, ao esforço físico, inteligência criativa, tendo sido notáveis, nesse surto agrário-industri-

al, técnicos, peritos, operários de origem negra. Mas sempre lamentou que ao 13 de maio de 1888 “não tivesse sucedido o projeto magnífico de Joaquim Nabuco, de integração imediata do ex-escravo na sociedade brasileira, através do seu preparo para o trabalho livre, em vários setores, nos quais teria tido expressão não só sua inteligente capacidade técnica, como a cívica, para ativo desempenho de atividades de pleno cidadão brasileiro. Projeto transabolicionista que teria significado para o Brasil, uma complementação de um 13 de maio inacabado, por mais festivo que tenha sido”. Tenho certeza que esta sua preocupação desaguou na realização, juntamente com Ulysses Pernambucano, no Recife, em 1936, do primeiro Congresso Afrobrasileiro.

Esse Gilberto inquieto, contraditório, arrojado, pioneiro, incentivador dos mais jovens, homem mergulhado no seu tempo, no tempo por ele denominado de tribio, onde passado, presente e futuro se interpenetram, ali estava em seu leito de morte me fazendo recordar a sua vida, a sua obra, as alegrias, as tristezas, os seus conselhos, as suas recomendações, o seu exemplo, as responsabilidades que a partir daquele momento recaíam sobre mim.

Confesso que ainda hoje, lamentando a sua ausência física, encontro-me sob forte emoção; a de filho que muito admira o pai, quer o escritor, quer o amigo que, tantas vezes, se prolongou, pela compreensão e permanente mocidade, em companheiro. E não raramente o surpreendi mais jovem do que eu mesmo, na sua maneira de viver sem se esconder da vida. De homem que enfrentou perigos, conheceu o exílio, injustiças e incompreensões, aplausos, e reconhecimentos. Sem deixar nunca de ser homem de sua terra, de sua cidade, dos seus amigos, dos seus filhos, dos seus netos e até do seu arredo Santo Antônio de Apipucos, e que, pela força do seu pensamento criador, se estendeu tantas vezes em cidadão do mundo.

# A HORA E A VEZ DE GILBERTO FREYRE

ROBERTO DAMATTA

*“Sociólogos e antropólogos não engendram realidades empíricas,.... inventam modos de percebê-las”*

**N**a hora triste de falar de Gilberto Freyre morto não quero fazer aquela coisa gelatinosa e hipócrita que típica o modo brasileiro de morrer. Aqui, já sabemos, evitamos a morte falando de um morto ideal. Morto que sempre vira angelical e, manipulado pelo nosso projeto, passa a ser nosso e meu. Ora, não vou cometer a cretinice de falar que fui o primeiro a dizer isso ou aquilo de sua obra; coisa demagógica e que canibaliza o morto, pois com ele estabelece aquela relação de usufruto cadavérico que tanto caracteriza a nossa inteligência mais popularesca e cabotina. Não estou aqui para gulosamente comer o cadáver, mas para comentar a parte viva da vida de Gilberto Freyre: aquilo que foi o melhor de sua obra, para que se prossiga o esforço de somá-la à uma compreensão mais generosa, verdadeira, inteligente e honesta —sobretudo honesta— de nós mesmos.

Sociólogos e antropólogos não engendram realidades empíricas, mas quando são geniais, inventam modos de percebê-las e torná-las literárias: modos de transformá-las em narrativas com algum sentido. Gilberto Freyre foi um grande escritor-antropólogo não porque “escrevia bem” ou porque era vaidoso e pretencioso e queria ser também reconhecido como um homem de letras. Isso é uma verdade circunstancial do Gilberto de Mello Freyre que gostava de dizer que era “Sir” e que dava tudo para receber um elogio e ser reconhecido. Para o Gilberto Freyre sociólogo e que descobria o Brasil como realidade sociológica, o trabalho literário, é uma consequência direta dos ângulos e dos temas que escolheu para falar do Brasil. E o ângulo que Gilberto Freyre escolheu foi aquele que juntava o biográfico e o existencial; com o ensaístico, o literário e o intelectual. Nesse movimento, sua grande

descoberta é que a obra sobre uma sociedade, quando escrita por um dos seus membros, é uma narrativa que faz parte desta sociedade. De fato, ela é —como obra teórica ou literária— uma das manifestações mais intrigantes da sociedade de que está falando, mesmo quando paradoxalmente se apresenta como uma análise das formas de vida e valores desta sociedade. Estas são análises e estudos que a Sociologia e Antropologia europeias e norte-americanas praticamente desconheciam, já que seus praticantes recusavam obstinadamente realizar o trabalho auto-reflexivo que sempre se confundiu com a perspectiva revolucionária que contrastava de modo obviamente radical com uma postura autêntica (e falsamente) “científica”. Toda a formação da Antropologia Social contemporânea, tem como precursores evolucionistas Vitorianos que apresentavam sua sociedade no topo da escala evolutiva: alvo para o qual todas as outras tenderiam; e funcionalistas que obstinadamente recusaram estudar seu próprio sistema. Assim sendo, não deixa de ser uma espécie de milagre epistemológico a relativização que nos chegou com o chamado “estruturalismo”. Claude Lévi-Strauss produziu uma frase de efeito e alto alcance epistemológico quando disse que sua obra sobre os mitos (e a mitologia) era também um mito. Tal relativização é certamente antecipada de algumas décadas por Gilberto Freyre quando ele afirma, no seu prefácio à primeira edição de “Casa-Grande & Senzala”, que fazer sociologia é querer “nos completar: é outro meio de procurar-se o tempo perdido”. Outro meio de nos sentirmos nos outros — nos que vieram antes de nós...”. E complementa arrebatamente: “É um passado que se estuda tocando em nervos; um passado que emenda com a vida de cada um; uma aventura de sensibilidade, não apenas um esforço de pesquisa pelos ar-

quívos”. Ou — digo eu — um projeto de promoção pessoal, ou de divulgação de credos políticos, raciais ou religiosos...

## Corte analítico

Mas o fato é que essa “literatura” que se sabe e se deseja parte e parcela do seu próprio objeto, essa antropologia feita de dentro do dentro —posto que aqui não estamos somente apanhando o “ponto de vista do nativo” como receita Clifford Geertz,

mas esse ponto de vista nativo é também e principalmente o nosso— é coisa muito nova dentro das chamadas Ciências Sociais e foram poucos os que a praticaram com consequência e destemor. Afirmo que essa intuição profundamente relativizadora e crítica foi parte da estrutura da obra de Gilberto Freyre não porque ele era capaz de escrever bem, mas porque ele se colocou junto e por dentro do seu objeto de estudo. Seu “corte analítico”, assim, não

foi o tradicional. Com isso, Gilberto não praticou uma ensaística do Brasil onde o Brasil se destacava dele, como uma fotografia distante. Lembro que na virada do século (como de resto até hoje), somos intelectualmente dominados pelo que vem de fora. Mas aqui também Gilberto Freyre faz uma completa rotação, pois quem vem de fora é ele, recém-chegado da Columbia de Franz Boas (um dos inventores da Antropologia Funcionalista moderna) e das Europas de todos os modismos. Assim, ele estava sabendo que havia um projeto sociológico a ser empreendido e que esse projeto importava separar radicalmente “raça” e “cultura”. Nas suas próprias palavras, naquilo que se constitui no centro mesmo do seu projeto intelectual e que tem início com



Gilberto Freyre antes de seu embarque a Paris, para participar de uma Conferência Social da Unesco, em junho de 1948.

“Casa-Grande & Senzala”: “Aprendi a considerar fundamental a diferença entre raça e cultura; a discriminar entre os efeitos de relações puramente genéticas e os de influências sociais, de herança cultural e de meio”. E é Gilberto Freyre quem arremata seguro de sua inovação: “Neste critério de diferenciação fundamental entre raça e cultura assenta todo o plano deste ensaio. Também no da diferenciação entre hereditariedade de raça e hereditariedade de família”. Ora, num meio intelectual que até hoje ainda não sabe bem distinguir essas dimensões da realidade humana, vale ressaltar que foi certamente a obra de Gilberto Freyre a que primeiro articulou com êxito essa história brasileira que todo brasileiro gosta (por motivos claros e escusos) de contar para ele mesmo: que somos uma cultura “mestiça” e misturada, algo que fica com os dois conceitos (o de “raça” e de “cultura”), costurando ambigualmente os dois...

Por tudo isso é importante salientar esse projeto que tem como objeto central a conjugação da biografia com a sociedade em estudo e que se utiliza para tanto não só os materiais clássicos do historiador, mas também a memória pessoal, os arquivos de família, as narrativas de viajantes, e os valores que a sociedade atualiza em todos os seus níveis de realização. Assim fazendo, Gilberto Freyre abre mão de ser o disciplinador do seu sistema, falando dele como um médico fala de um paciente, um jurista de suas leis, um padre dos seus fiéis e um policial do seu prisioneiro —neste discurso tão familiar da ensaística brasileira— mas diz de um meio que é também o seu: um meio do qual ele também é responsável por sua constituição. Creio que essa consciência de que a sociedade que estudamos —sobretudo quando ela é a nossa— é algo vivo e que também depende de nós, é algo inovador e certamente dissonante num universo intelectual marcado pelo autoritarismo da cátedra, do autor estrangeiro e da sabedoria hipostasiada e travestida de credo revolucionário.

Acima de tudo porque a “ciência”, tal como ela é até hoje concebida em países como o Brasil, tem um notável viés normativo. Ou seja: se uma pessoa deseja fabricar um “texto científico”, sua autoridade (entre nós) vai repousar mais na sua capacidade de passar uma receita do que no seu discernimento da dinâmica do sis-

tema em estudo. Como se essas coisas fossem incompatíveis...

E aqui temos seguramente um outro elemento da originalidade de Gilberto Freyre. É que por ter recusado medicalizar a sociedade brasileira, surgindo como um dos seus clínicos ou engenheiros —coisa comum tanto a racistas históricos como Nina Rodrigues e Oliveira Vianna quanto a neo-racistas vitorianos-populescos, como Darcy Ribeiro— ele de certo modo liberou a Antropologia Cultural de um dos seus males mais atrozes. E que além de termos que ser médicos, só podíamos falar de certos assuntos. A concepção que sustentava essa postura era a de que uma sociedade se manifestava por meio de coisas nobres (que os cientistas estudavam e os artistas faziam) e de coisas pobres (que o povo e todos nós praticávamos na intimidade de nossas casas e que não contavam). As primeiras eram, naturalmente, o objeto de reflexão das elites; as segundas deveriam ficar trancadas para sempre pelas portas da nossa má-consciência. Assim, a nossa ensaística mais bem comportada não fala de desejo nem de sacanagem, não diz nada sobre carnaval, esperança ou promessa, não comenta laços pessoais nem relações entre contrários e, sobretudo, não fala —como falou Gilberto Freyre— dessa prática social contraditória que reúne numa só totalidade senhores e escravos, homens e mulheres, patrões e empregados, justiça e injustiça, santos e pecadores. Para ele, uma sociedade não tinha nenhum

foro privilegiado pelo qual ela poderia se manifestar. Consciente das variedades de manifestação cultural, Gilberto Freyre sabia que cada sistema escolhe diferentes “mediuns” para diferentes mensagens. Ora, se as sociedades variavam nas suas expressões, o estudo de qualquer área de um sistema sempre nos conduz ao seu centro. Dizer que uma sociedade tem esferas que são mais “verdadeiras”, “reais”, ou “legítimas” para o estudo sério que outras, é um erro e, sobretudo, um preconceito. Preconceito que também desejava (e desejava) obrigar a escrever sobre a sociedade de modo “correto”, sem confundir o “discurso científico” (sempre pomposo) com a fala cotidiana, como faz também Gilberto Freyre, renovando os padrões da linguagem sociológica. Assim liberto, Gilberto Freyre estuda práticas sociais brasileiras sem querer saber se elas pertenciam às altas e baixas esferas, à nação brasileira ou à sociedade local. Todas eram legítimas porque todas de algum modo reproduziam as questões que tematizavam aquela totalidade social. Assim, ele foi pioneiro ao estudar as falas do Brasil (antecipando a Sócio-Linguística); foi inovador quando estudou o espaço nobre e pobre das casas de engenho de sua terra; foi genial quando deu uma dimensão sociológica às práticas sexuais, aos juramentos e as expressões de blasfêmia e opróbrio; foi criativo quando viu na cozinha e na comida, um código revelador do sistema social; foi sensível quando enxergou o médico

substituindo o padre nos sorbrados do Brasil pré-republicano e quando viu jornais vendendo escravos, em vez de servirem como instrumentos de transformação social no Brasil. Tal como ocorreu modernamente com os computadores que foram pioneiramente usados —e muito bem usados— pela polícia política e de fronteira e não pela universidade ou instituições de pesquisa...

## Expressão

Com essa postura de que tudo de uma sociedade era sua expressão, Gilberto Freyre realizava uma “demarcação” fundamental que veio libertar os estudos de identidade nacional. Com sua obra se revela que uma sociedade pode ser entendida através de tudo que ela faz e tem. E mais: que uma sociedade é coisa de que se fala e também um modo de falar e um jeito de ser.

A contribuição da obra de Gilberto Freyre foi, assim, a de realizar um valor. Um valor social —uma escolha— que é pessoal e que exprime o seu lado brasileiro. É que Gilberto Freyre viveu sob o signo da mistura e do acasalamento dos contrários. Sua vida pessoal revela essa fascinação com o revolucionário, o desviante e o marginal; ao mesmo tempo que se revela igualmente magnetizada pelo centro, o poderoso e o tradicional. Sugiço que isso não é uma característica exclusiva de Gilberto Freyre, mas que está igualmente presente na vida e na obra de outras figuras de nossa sociologia e literatura. No Brasil,

é comum perceber que figuras da elite realizam um corte em um lado de suas vidas. Geralmente as contradições de sua existência tendem a ser manifestadamente exorcizadas de sua obra. Falam, conforme já sugeri alhures (no meu livro “A Casa e a Rua”), ou pelo ângulo da casa, ou pela perspectiva da rua. Mas Gilberto Freyre e outros (penso aqui em Lima Barreto e em Jorge Amado) realizaram sua obra operando pelo lado da casa, dos amigos e da família e com isso realizaram com maior ou menor sucesso uma integração destas duas dimensões tão importantes quanto separadas e pouco vistas de nossa vida social. Foi sem dúvida essa opção pelo fundo representado pela casa que finalmente marcou sua trajetória, embora o “outro lado” tenha, sido também determinativo em momentos críticos de suas vidas. Mas é importante tomar consciência de como a esfera da rua ou da casa marcam a existência de nossa elite intelectual. Às vezes, uma posição radical na rua esconde uma postura flagrantemente tradicional em casa. Mas pode também acontecer o exato oposto. Será tudo isso um sinal de doença ou de cinismo político ou moral? Claro que não! Pensar assim, é transformar o lado mais denso e mais misterioso da nossa vida num jogo de meros interesses práticos transparentes.

Temo que a obra de Gilberto Freyre, a vida de Gilberto de Mello Freyre e a existência de Gilberto —esse que foi menino, que foi namorado, que foi pai, que foi amigo, que foi contador de histórias, que ficava ressentido e era difícil de satisfazer, dessa pessoa que era mortal e frágil como todos nós— revela, na sua concretude e grandeza, esse mistério da vida brasileira como sociedade. Tal como no caso do não menos famoso Quincas Berro d'Água, temos aí um paradoxo que o próprio Gilberto nos ensina a desvendar e que tem tudo a ver com uma ligação complicada e marcadamente singular e especial entre a casa e a rua, a casa de Apíucos e a universidade, a convicção inconoclasta e a idéia de revolução burocratizada pelos grupos, ideologias e partidos, o amor pelas idéias e a adoração pelas honrarias. Em tudo isto, enfim, que a obra e a vida de Gilberto Freyre nos obriga a enxergar e, daqui para a frente, a discutir e resolver.

ROBERTO DAMATTA, 49, é professor de Antropologia Social no Museu Nacional e autor, entre outros livros, de “Carnavais, Malandros e Heróis”.



Platéia que assistia a conferência de Gilberto Freyre no Masp, em 1959

# DA CASA-GRANDE E DA SENZALA

No Brasil, as relações entre os brancos e as raças de cor foram desde a primeira metade do século 16 condicionadas, de um lado pelo sistema de produção econômica — a monocultura latifundiária; do outro, pela escassez de mulheres brancas, entre os conquistadores. O açúcar não só abafou as indústrias democráticas de pau-brasil e de peles, como esterilizou a terra, numa grande extensão em volta aos engenhos de cana, para os esforços de policultura e de pecuária. E exigiu uma enorme massa de escravos. A criação de gado, com possibilidades de vida democrática, deslocou-se para os sertões. Na zona agrária desenvolveu-se, com a monocultura absorvente, uma sociedade semifeudal — uma minoria de brancos e brancos dominando patriarcalmente, polígamos, do alto das casas-grandes de pedra e cal, não só os escravos criados aos magotes nas senzalas como os lavradores de partido, os agregados moradores de casas de taipa e de palha, vassallos das casas-grandes em todo o rigor da expressão.

Vencedores no sentido militar e técnico sobre as populações indígenas; dominadores absolutos dos negros importados da África para o duro trabalho da bagaceira, os europeus e seus descendentes tiveram entretanto de transigir com índios e africanos quanto às relações genéticas e sociais. A escassez de mulheres brancas criou zonas de confraternização entre vencedores e vencidos, entre senhores e escravos. Sem deixarem de ser relações — as dos brancos com as mulheres de cor — de "superiores" com "inferiores" e, no maior número de casos, de senhores desabusados e sádicos com escravos passivos, adoçaram-se, entretanto, com a necessidade experimentada por muitos colonos de constituir família dentro dessas circunstâncias e sobre essa base. A miscigenação que largamente se praticou aqui corrigiu a distância social que doutro modo se teria conservado enorme entre a casa-grande e a mata tropical; entre a casa-grande e a senzala. O que a monocultura latifundiária e escravocrata realizou no sentido de aristocratização, extremando a sociedade brasileira em senhores e

escravos, com uma rala e insignificante lambujem de gente livre sanduichada entre os extremos antagônicos, foi em grande parte contrariado pelos efeitos sociais da miscigenação. A índia e a negra-mina a princípio, depois a mulata, a cabrocha, a quadrarona, a oitavona, tornando-se caseiras, concubinas e até esposas legítimas dos senhores brancos, agiram poderosamente no sentido de democratização social no Brasil. Entre os filhos mestiços, legítimos e mesmo ilegítimos, havidos delas pelos senhores brancos, subdividiu-se parte considerável das grandes propriedades, quebrando-se assim a força das sesmarias feudais e dos latifúndios do tamanho de reinos.

Ligam-se à monocultura latifundiária males profundos que têm comprometido, através de gerações, a robustez e a eficiência da população brasileira, cuja saúde instável, incerta capacidade de trabalho, apatia, perturbações de crescimento, tantas vezes são atribuídas à miscigenação. Entre outros males, o mau suprimento de viveres frescos, obrigando grande parte da população ao regime de deficiência alimentar caracterizado pelo abuso do peixe seco e de farinha de mandioca (a que depois se juntou a carne de charque); ou então ao incompleto e perigoso, de gêneros importados em condições péssimas de transporte, tais como as que precederam a navegação a vapor e o uso, recentíssimo, de câmaras frigoríficas nos vapores. A importância da hiponutrição, destacada por Armitage, McCollum e Simmonds e recentemente por Escudero; da fome crônica, originada não tanto da redução em quantidade como dos defeitos da qualidade dos alimentos, traz a problemas indistintamente chamados de "deficiência" ou "inferioridade" de raças, novos aspectos e, graças a Deus, maiores possibilidades de solução. Saliem-se entre as condições de hiponutrição a diminuição da estatura, do peso e do perímetro torácico; deformações esqueléticas; descalcificação dos dentes; insuficiências tireóideas, hipofisárias e gonadais provocadas da velhice prematura, fertilidade em geral pobre, apatia, não raro infecundidade. Exatamente os traços de vida, estéril e de físico inferior que geralmente se



Gilberto Freyre durante entrevista no programa de televisão "Canal Livre" em 1982

Alguns trechos da obra maior de Gilberto Freyre, "Casa-Grande & Senzala", onde o sociólogo pernambucano aborda a formação da sociedade brasileira

associam às sub-raças; ao sangue maldito das chamadas "raças inferiores". Não se devem esquecer outras influências sociais que aqui se desenvolveram com o sistema patriarcal e escravocrata de colonização: a sífilis, por exemplo, responsável por tantos dos "mulatos doentes" de que fala Ruediger-Pinto e a que Ruediger-Bilden atribui grande importância no estudo da formação brasileira.

A formação patriarcal do Brasil explica-se, tanto nas suas virtudes como nos seus

defeitos, menos em termos de "raça" e de "religião" do que em termos econômicos, de experiência de cultura e de organização da família, que foi aqui a unidade colonizadora. Economia e organização social que às vezes contrariaram não só a moral sexual católica como as tendências semitas do português aventureiro para a mercancia e o tráfico. [Extraído do prefácio à primeira edição, pág. LIX]

As causas desse empobre-

cimento parecem-nos mais profundas e complexas. Ele reflete a situação de miséria geral que criou para as Espanhas o abandono da agricultura, sacrificada pelas aventuras marítimas e comerciais; depois, a monocultura, estimulada em Por-

Minho o contraste entre a alimentação fraca e insuficiente dos dias comuns e a desbragada dos jantares de festa. "Nos jantares de festa", escreve ele, "as vitualhas acumulam-se em massas enormes: as grandes terrinas e escudelas de vive-res, os largos pratos com peças desmedidas, seguem-se numa sucessão interminável, intermeados com as "infusas" e canecões de vinho verde, que quanto mais raspante, mais estimula o apetite, aliás sempre complacente". Desbragamento que in-

dica alimentação normalmente pobre. Não nos esqueçamos nunca do caráter excepcional dessas comezainas: sua própria intemperança faz pensar em estômagos mal alimentados que umas quantas vezes por ano se expandissem em excessos como que compensadores do regime de parcimônia alimentar dos dias comuns. Os jejuns devem ser tomados na devida conta por quem estude o regime de alimentação do povo português, sobretudo durante os séculos em que sua vida

doméstica andou mais duramente fiscalizada pelo olhar severo da Inquisição. Da Inquisição e do jesuíta. Dois olhos tirânicos, fazendo as vezes dos de Deus. Fiscalizando tudo.

É possível que correspondessem aos jejuns e aos frequentes dias de comida de peixe, fortes razões de Estado. Os jejuns terão contribuído para o equilíbrio entre os limitados viveres frescos e as necessidades da população. Estimulava-se o povo ao regime de peixe seco e de artigos de conserva, em grande número importados do estrangeiro. O foral de Gaia, conferido por Afonso III em 1255, deixa entrever que já nos tempos afonsinos, de relativa saúde econômica, o peixe seco ou salgado avultava no regime da alimentação portuguesa. Os pescadores, além da costa portuguesa, exploravam a galega, colhendo peixe, salgando-o e remetendo-o para o consumo do povo. Já no século 13, a carne vermelha começava a ser luxo ou pecado para imperar, triunfante e virtuoso, o peixe salgado. Léon Poinard, no seu estudo "Le Portugal Inconnu", lembra que os portugueses chegaram a exportar, na Idade Média, peixe salgado para Riga e que em 1353 Eduardo III da Inglaterra concedia-lhes o direito de pescarem nas costas inglesas. Mas esse exagerado consumo de peixe seco, com deficiência do de carne fresca e de leite, acentuou-se com o declínio da agricultura em Portugal. E deve ter contribuído de maneira considerável para a redução da capacidade econômica do português, depois do século 15. Fato por alguns vagamente atribuído à decadência de raça; por outros à Inquisição. [Extraído do terceiro capítulo, "O Colonizador Português: Antecedentes e Predisposições", pág. 236]

Por outro lado, a tradição conservadora no Brasil sempre se tem sustentado no sadismo do mando, disfarçado em "princípio de Autoridade" ou "defesa da Ordem". Entre essas duas místicas — a da Ordem e a da Liberdade, a da Autoridade e a da Democracia — é que se vem equilibrando entre nós a vida política, precocemente saída do regime de senhores e escravos. Na verdade, o equilíbrio continua a ser en-

tre as realidades tradicionais e profundas: sadistas e masoquistas, senhores e escravos, doutores e analfabetos, indivíduos de cultura predominantemente europeia e outros de cultura principalmente africana e ameríndia. E não sem certas vantagens: as de uma dualidade não de todo prejudicial à nossa cultura em formação, enriquecida de um lado pela espontaneidade, pelo frescor de imaginação e emoção do grande número e, de outro lado, pelo contato, através das elites, com a ciência, com a técnica e com o pensamento adiantado da Europa. Talvez em parte alguma se esteja verificando com igual liberalidade o encontro, a intercomunicação e até a fusão harmoniosa de tradições diversas, ou antes, antagônicas, de cultura, como no Brasil. É verdade que o vácuo entre os dois extremos ainda é enorme; e deficiente a muitos respeito a intercomunicação entre as duas tradições de cultura. Mas não se pode acusar de rígido, nem de falta de mobilidade vertical — como diria Sorokin — o regime brasileiro, em vários sentidos sociais um dos mais democráticos, flexíveis e plásticos.

Uma circunstância significativa resta-nos destacar na formação brasileira: a de não se ter processado no puro sentido da europeização. Em vez de dura e seca, rangendo do esforço de adaptar-se a condições inteiramente estranhas, a cultura europeia se pôs em contato com a indígena, amaciada pelo óleo da mediação africana. O próprio sistema jesuítico — talvez a mais eficiente força de europeização técnica e de cultura moral e intelectual, a agir sobre as populações indígenas; o próprio sistema jesuítico, no que logrou maior êxito no Brasil dos primeiros séculos foi na parte mística, devocional e festiva do culto católico. Na cristianização dos caboclos pela música, pelo canto, pela liturgia, pelas profissões, festas, danças religiosas, mistérios, comédias; pela distribuição de verônicas com agnus-dei, que os caboclos penduravam no pescoço, de cordões, de fitas e rosários; pela adoração de reliquias do Santo Lenho e de cabeças das Onze Mil Virgens. [Extraído do primeiro capítulo, "Características Gerais da Colonização Portuguesa no Brasil", pág. 52]

# SENHORES E ESCRAVOS

ROLAND BARTHES

“Introduzir a explicação no mito é, para o intelectual, a única forma eficaz de militar”

Imagine-se que somente três ou quatro séculos depois das últimas invasões francas, algum letrado historiador, munido, por milagre, com todos os poderes da ciência moderna, tivesse produzido uma obra de síntese sobre a formação étnica do povo francês. Pode-se facilmente pensar que prodigiosamente interessante seria para nós, franceses, uma análise submetida aos métodos mais recentes da Antropologia, da Dietética e da Psicanálise, e aplicados a fatos étnicos de somente algumas gerações atrás.

A conjunção de uma história racial ainda tão recente e de um grande espírito, alimentado pelas disciplinas mais avançadas, deu ao Brasil este prestigioso livro, “Casa-Grande & Senzala” [cujo título em francês é “Maitres et Esclaves”, se-

nhores e escravos], de Gilberto Freyre (título um pouco hegeliano demais para um conteúdo especialmente materialista), tem por objeto a mistura étnica do português, do índio e do negro no Brasil. O fenômeno é compreendido em todos os seus aspectos: histórico, econômico, religioso, étnico, sexual, culinário, moral etc., e por todos os métodos atualmente possíveis: História Social, Antropologia, Geografia Humana, Dietética, Psicanálise etc. A obra é um produto brilhante desta sensibilidade para a história total, elaborada na França por historiadores como Bloch, Febvre ou Braudel.

“Casa-Grande & Senzala” leva à admiração. É um livro excepcional de muitos pontos-de-vista. Tão largamente inteligente quanto um livro de Marc Bloch ou de Lucien Febvre, ele dispõe, além disso, dessa qualidade invo-

luntária que acabamos de indicar e que é de ter tido de sistematizar uma matéria histórica quase que não separada do corpo humano, da saúde, do regime, dos fenômenos de mistura sanguínea e humoral. Esta é a quadratura do círculo dos historiadores, quase realizada aqui, o último ponto da pesquisa histórica, segundo o testemunho de homens como Michelet ou Marc Bloch. Conduzida com o brio de um Keyserling; mas de um ao outro, há a diferença da verdade: o livro de Freyre é como dinamite de fatos concretos, discernidos bem além do documento escrito ou da observação turística, numa ecologia brasileira, ainda inteiramente subjugada pela proximidade de sua pré-história étnica. Há além disso em Freyre, um sentido obsessivo da substância, da matéria palpável, do objeto, se assim o quisermos, que é no fundo a qualidade específica de todos os grandes historiadores.

Enfim, Freyre, é um inovador. Ele introduziu na história do homem brasileiro uma sexologia pensada na escala da história, seja explicando a sexualidade aberta do brasileiro, seu gosto pelas uniões heterogêneas, pelas relações propriamente freudianas do jovem menino branco e sua ama-de-leite negra, seja descrevendo o equilíbrio que se instaura historicamente entre o espaço de satirias dos conqui-

tadores portugueses e o tonus sexual relativamente fraco (contrariamente ao preconceito) dos índios aborígenes e dos negros importados da África. Esta espécie de determinismo nos convence porque ela é sempre reposta em uma situação histórica e social bem definida (estrutura agrária e escravagista da sociedade brasileira dos primeiros tempos, primeiras diretrizes “liberais” dos missionários etc.).

Enfim, se nós queremos meditar sobre a terrível mis-

tificação que constituiu sempre o conceito de raça, às mentiras e aos crimes que esta palavra, cá e lá, ainda não acabou de autorizar, reconhecer-se-á que este livro de ciência e de inteligência é também um livro de coragem e de combate. Introduzir a explicação no mito, é, para o intelectual, a única forma eficaz de militar.

Este texto foi publicado em “Les Lettres Nouvelles”, Paris, vol. 1, em março de 1953; tradução de Marco Chiarelli

## Roland Barthes, crítico inventivo

Ensaísta, crítico, e professor Roland Barthes (1915-1980) é considerado um dos teóricos mais influentes da linguística contemporânea. Depois de terminar os estudos de Letras Clássicas, ficou longo tempo internado numa casa de saúde devido à uma tuberculose. Numa revisão dessa temporada escreveu vários artigos que compõem o livro “Existences”. Era o início de uma carreira de crítica que levaria durante toda sua vida. Interessado em arte dramática fez parte da revista “Théâtre Populaire”, que iria popularizar o teatro de Bertolt Brecht. Brilhante tanto na literatura quanto nas ciências sociais, seu livro o “Grau Zero da Escritura” de 1953 foi o ponto de partida para novas cor-



Reprodução

rentes estruturalistas da crítica francesa. Apoiando-se tanto na linguística como no marxismo, mas sem optar por qualquer dogmatismo, Barthes demonstrou uma notável inventividade.

ciada com o título de “Ordem e Progresso”. O primeiro volume estuda a formação desta família, na época colonial, e esboça um imenso afresco, o do encontro de três raças: a branca, a vermelha e a negra. Vertido já em inglês e espanhol, este livro tornou Gilberto Freyre célebre, de um dia para o outro. O segundo volume nos mostra a urbanização da família rural; mas, ao passar dos campos para a cidade, guarda sua estrutura primitiva; entretanto, novas tendências surgem: o romantismo desperta a mulher, antes dominada pelo marido; a instrução joga o filho contra o pai; o bacharel contra o patriarca; enfim, o mulato, produto dos amores ilegítimos do senhor com as moças, sobe na sociedade. Obras científicas, sem dúvida, estas do mestre pernambucano, pois, para escrevê-las, Gilberto

Freyre criou métodos próprios, inventou uma forma especial de sociologia, que ele chama de proustiana. Mas também obras de um escritor, no mais completo sentido do termo. Não uma prosa cartesiana, senão um estilo sensual, carnal, sexual, que exprime, com admirável nitidez e relevo, todo o calor dos trópicos, todo o perfume da cana de açúcar madura, toda a volúpia das negrinhas e das ameríndias, a grande cumplicidade dos homens com a natureza, as relações sexuais dos meninos da bagaceira com os bichos do engenho, os pesadelos de monstros apocalípticos povoando as noites dos rudes habitantes do Nordeste. “Casa-Grande & Senzala” não foi apenas uma revolução no campo sociológico; exerceu também uma influência profunda sobre a literatura romanesca. Este livro refletiu

no norte a ação do “Movimento Modernista”, vindo de São Paulo, para fixar a atenção dos escritores sobre as realidades regionais e tradicionais, sobre o quadro de uma sociedade que se transforma lentamente, passando do engenho de açúcar para a usina capitalista, o que perturbava as relações sociais e étnicas. O nome do romancista José Lins do Rego acha-se ligado intimamente a esta renovação literária. Não se lhe pode separar a obra de Gilberto Freyre.

Seria, entretanto, dar uma idéia muito superficial do nosso autor reduzi-lo a esta trilogia, que se vem publicando, sobre a família brasileira. Especialista que não teme abordar os problemas da sociologia geral; conferencista brilhante que percorreu a América e a Europa para melhor tornar conhecida toda a originalidade da



Gilberto Freyre em companhia de Amy Lowell, Boston

Brookline (palacete de Amy Lowell) 1922

cultura brasileira; político que se aproveitou de um lugar na Câmara dos Deputados para defender os direitos do negro e do espírito; amante de sua região, da velha Olinda pontilhada de igrejas barrocas, de Recife, Veneza brasileira, cortada de canais e sulcada de rios, cheia de praias encantadoras e onde as próprias mulatas têm os olhos azuis, a força do olhar, as águas repletas de reflexos celestes; hóspede incomparável, que nos recebe sorrindo na sua casa de Apipucos, cercada de jardins, à sombra agradável de mangueiras e jaqueiras gor-

das, com doce de carambola e refresco de tamarindo, maracujá ou mangaba. Gilberto Freyre é um homem múltiplo. Seu nacionalismo tolerante assenta na melhor tradição brasileira; ele não esconde em livros mais recentes como “Ingleses no Brasil”, tudo quanto deve o país aos estrangeiros, pois conhece a força persuasiva de sua terra, que muda o inglês, o italiano, ou o francês num brasileiro genuíno, perdido pela rede, pelo cafuné, pelas negras e mulatas, patriarcal e deliciosamente tropical.

Esse texto, traduzido por MOACIR DE ALBUQUERQUE, foi publicado no Brasil em agosto de 1953. faz parte do acervo da Fundação Gilberto Freyre

## Bastide chegou ao Brasil em 1938

Roger Bastide, sociólogo francês nascido em 1898, participou do primeiro grupo de professores estrangeiros convidados a lecionar na Universidade de São Paulo, em 1938, sendo um dos responsáveis pela formação de uma geração de cientistas sociais. Interessado nos problemas brasileiros, viajou por todo o país, realizando várias pesquisas e dedicando-se princi-



palmente ao estudo da Sociologia da Religião. Escreveu nessa época vários livros, entre eles, “A Psicologia de Cafuné” (1941), “A Poesia Afro-Brasileira” (1943), “Imagens do Nordeste Místico em Preto e Branco (1945)” e “Relações Raciais entre Negros e Brancos em São Paulo”, com Florestan Fernandes. De volta a Paris, em 1951, tornou-se Diretor da “École Pratique des Hautes Etudes e professor de Etnologia na Sorbonne. Morreu em 1974, em Paris.

tranho, se apoiava no que Mãe Menininha e Clementina expressaram tão bem em suas vidas. Uma, porque incorporava em sua figura toda uma tradição religiosa e cultural, bem viva certamente, mas invisível aos olhos letrados — ainda que alguns letrados tenham sempre chamado a atenção do país para figuras como a sua, há muito tempo — a outra, por que deu corpo e voz a uma tradição ainda menos reconhecida como tal, porque urbana e civil, isto é “impura” aos olhos dos que vêm as raízes africanas firmemente fincadas apenas no chão religioso e no “interior” do país. Ambas, faces femininas de seja lá o que for que negritude signifique em brasileiro, estão muito presentes nas entrelinhas dos trabalhos de Gilberto Freyre, que nem sempre soube dizer por inteiro o que observava com tanta finura — o detalhe no amarrar de um turbante, um tom de voz presente na venda de acarajés. E são, as duas, uma confirmação e um desmentido do que o autor pernambucano pensava da contribuição dos negros à cultura brasileira: uma contribui-

ção escrita com o verbo sempre no passado e com o gênero feminino sempre na voz passiva. Parece bastante adequado que elas tenham sido lembradas no dia de sua morte já que são, os três, figuras fortes na nossa auto-representação nacional. Durante muito tempo, na universidade, contestamos a visão de Gilberto Freyre de um Brasil paraíso racial rural calcada num nordeste mítico que se opunha ao sul maravilha industrializado com a imigração branca europeia — é hora de lê-lo com atenção para recuperar menos a visão de Brasil que ele gostava de vender e mais os detalhes de nossa história interna, de que sua obra é tão rica.

### Notas

1. Sei das pesquisas, em andamento, de Paul Freston e de Alda Barreto, ambos da Unicamp, além da existência de um projeto sobre a produção intelectual de Gilberto Freyre, no Museu Nacional.

MARIZA CORRÊA, 42, é antropóloga, professora de Antropologia na Universidade de Campinas, e autora de “Morte em Família” (Graal) e “História da Antropologia no Brasil” (Unicamp/Vértice)

Banco de Dados

# UM MORTO ILUSTRE

MARIZA CORRÊA

Na história das Ciências Sociais no Brasil, “Gilberto Freyre é um marco mais antigo que o das universidades”

Morreu uma instituição que, como a maior parte delas, era conhecida mais pela fachada do que em seu interior. Alguns, poucos, pesquisadores (1) recém começaram a explorar uma trajetória biográfica — noção muito complicada — tão intimamente entrelaçada à história social recente do país, bem mais do que à história das ciências sociais na qual Gilberto Freyre é um marco mais antigo do que o das universidades. O professor Antonio Candido, como de hábito, disse em poucas linhas, no último domingo, o que cabe agora a esses pesquisadores aprofundar através de levantamentos minuciosos. Além dos prefácios e comentários nos aniversários de sua obra mais publicada (“Casa-Grande & Senzala”), a única biografia que conhecemos dele, de seu sobrinho Diogo de Melo Meneses, segue o tom utilizado pelo próprio biografado em suas constantes avaliações e reavaliações de seu trabalho: muito elogiosa e perseguindo sempre de perto o diapasão do momento, mostrando assim a afinação do biografado, ou autobiografado, com as correntes teóricas, literárias ou ideológicas de seus vários tempos. Mostrando, enfim, como Gilberto Freyre sempre foi moderno.

Em outro texto já tentei uma crítica (precária) de sua contribuição aos estudos sobre a história social da família no Brasil, que me parece muito mais marcante do que a sua contribuição de maior publicidade ao tema das relações raciais no país, tanto que ele é o interlocutor obrigatório de todos os que nos interessamos pelo assunto, mais de cinquenta anos passados da primeira edição de “Casa-Grande & Senzala”. Tendo insistido em povoar o nosso imaginário social com figuras de segundo plano, o negro e a mulher entre outras, imagino que ele teria assistido com um sorriso irônico ao programa de domingo da Rede Globo, do qual estava ausente, e no qual eram homenageadas duas de suas contemporâneas negras mais conhecidas, a

## Relações raciais

Ambas oferecem, de certa maneira, um contraponto interessante ao trabalho de Gilberto Freyre como símbolo heráldico de certos estudos sobre as relações raciais no país, agora que é necessário começarmos a nos perguntar o que este símbolo significa para nós, brasileiros urbanos no final da década de 80. Tudo o que a sua “modernidade” — a formação protestante e norte-americana aí incluídas — representou em meados dos anos trinta para uma região do país, num momento em que “ser moderno” era ser como os americanos (a influência do cinema falado em inglês aí incluída), ainda que soe es-



Flagrante do jantar oferecido a Gilberto Freyre pelo casal Roberto Simonsen

# MAIS ANÁLISE E MENOS DOCTRINA

JOAQUIM FALCÃO

*A maior contribuição de Gilberto Freyre está na abertura de novos caminhos na análise da realidade social brasileira*

Muitos são contra. Muitos são a favor. Pode-se concordar, e até discordar. Mas todos estão unidos: não se pode ignorar Gilberto Freyre. Por que? Por que "Casa-Grande & Senzala" é considerado, e cada vez mais, um livro referencial para o Brasil conhecer melhor o Brasil? Assim considerado, até mesmo pelos que discordam! Que qualidade misteriosa é esta que obtém ao mesmo tempo elogio, respeito e discordância?

As respostas são múltiplas. Permitam que focalize uma, entre tantas. Uma resposta que pretendo moldar a partir da interpretação de dois episódios vividos por Gilberto Freyre. Ambos focalizando a história do pensamento social brasileiro. Mas ambos contrapondo o pensamento sociológico de Freyre ao pensamento jurídico dominante. Contrapondo o sociólogo aos juristas. Em 1935, Freyre pronuncia na Faculdade de Direito do Largo São Francisco uma conferência com o sugestivo título de "Mais Análise e Menos Doutrina". Em 1946, na campanha pela redemocratização, Freyre critica a cultura jurídica decadente da Faculdade de Direito do Recife. Os alunos de lá reagem. Pelos jornais, chamam Gilberto de "meteco". Quer dizer, o estrangeiro que não pertence à cidade. Intrusivo, ou enxerido, como se diz no Nordeste. Naquela época, tentaram reduzir as distantes relações entre Gilberto e a Faculdade de Direito do Recife a questões pessoais. Não eram questões pessoais não. Eram indícios da disputa que se travava sobre os caminhos do pensamento social no Brasil.

De fato, a nível das idéias sociais, as relações entre Freyre e nossos juristas nunca foram intensas. Nem em São Paulo, nem no Recife. Nem em lugar algum, provavelmente. Se não foram inamistosas, pelo menos foram ralas e formais. Pude-ram! Sempre foram relações

concorrentes. No fundo, uma disputa pelo poder. A disputa pelo poder saber. Ou seja, a disputa pelo poder de explicar o Brasil. Fácil perceber alguns aspectos desta concorrência.

Até o começo do século, por exemplo, o Brasil foi (e talvez ainda continue sendo) o país dos bacharéis. De direito, é claro. Detinham o poder econômico e político. Eram os profissionais, digamos, prioritários. Detinham também o poder de saber. O poder de produzir o saber sobre o social. Em outras palavras, eram os juristas que prioritariamente tentavam explicar — e assim a moldavam — a realidade social brasileira. As teorias sociais confundiam-se com

as doutrinas jurídicas. Sua instituição principal eram as faculdades de Direito. Este poder imenso de explicar o social brasileiro foi ameaçado por "Casa-Grande & Senzala". Como?

Outra vez, as respostas podem ser múltiplas. Permitam-me focalizar, uma, entre tantas. Hoje é senso comum que o jurista é o profissional especializado em produzir e aplicar normas. Ou seja, a matéria-prima do jurista, do advogado, é basicamente o comportamento social. Não como de fato é, mas como deve ser. Hoje é senso comum que a matéria-prima dos cientistas sociais (antropólogos, sociólogos e cientistas políticos) é basicamente o comportamento social como de fato é. Aqueles são os profissionais basicamente do dever ser, estes, basicamente do ser. Mas nem sempre foi assim. A matéria-prima dos juristas era dupla: tanto o dever ser, quanto o ser.

Não raramente o dever ser formalizava, idealizava e dogmatizava o ser. A norma se impunha, quase substituía, a relação social concreta. Quando não a inventava, importava ou engessava.

No fundo, o pensamento social era impregnado pelas diversas formas do idealismo que sempre moldou o pensamento jurídico. De 1827 até hoje. Seja através do jusnaturalismo metafísico e católico, do evolucionismo liberal e ateu, ou através do normativismo lógico-formal tecnicista.

Quando Freyre pede menos doutrina e mais análise, no fundo estava propondo dissociar o conhecimento que "produz" o dever ser, do conhecimento que "produz" o ser. Mais ainda. Indica que o método de um difere do método de outro. Ser "douto", ser autoridade, não é suficiente para produzir um conhecimento social verdadeiro. A doutrina é um argumento de autoridade, mas necessariamente não é o argumento da verdade social. Fazia-se preciso um conhecimento fundamentado não no ato-de-fé, como no jusnaturalismo, ou no consenso formal, como no evolucionismo liberal, ou no dogma posto fora de questão, como no

normativismo lógico-formal. Fazia-se preciso um pensamento social com base na análise, no caso, em uma análise antropológica e sociológica, que permite penetrar no real social mais "verdadeiramente". Permite captar as relações sociais como elas são. E não como deveriam ser.

## Meteco

Quando chamam Gilberto de "meteco", em vez de argumentar justificando ou criticando a "decadência da cultura jurídica", os alunos apenas desqualificam o interlocutor. Fogem da questão. No fundo, estão a dizer: não se meta nesta seara, a seara de produzir o conhecimento sobre a realidade brasileira. Seara com métodos, profissionais e instituições solidamente definidas, das quais Gilberto Freyre não era membro.

A força de "Casa-Grande & Senzala" é justamente esta. No momento adequado explicou a tendência para a desidealização do pensamento social brasileiro. Com isto, abriu as portas para interpretações concorrentes e conflitantes, sobre a realidade brasileira. Todas mais voltadas para a análise, com métodos mais adequados a um conhecimento empiricamente fundamentado. O mérito é inaugurar uma nova arena de combate de ideologias sociais. Arena disponível a solidários ou contrários.

Não se pode, nem se deve, atribuir a uma só pessoa ou a uma só obra, a capacidade de inaugurar uma nova sociologia, ou a moderna sociologia brasileira. Mas não se deve negar o mérito de "Casa-Grande & Senzala", em simbolizar um momento de síntese. Síntese, porque não apenas deixa clara a insuficiência do pensamento social então dominante enquanto pensamento social de fundo idealizador, para explicar o Brasil, como vai mais além. Propõe um caminho novo. Deste caminho novo pode-se discordar. Mas do abrir de portas, para solidários ou contrários, não. Neste sentido, "Casa-Grande & Senzala" é ao mesmo tempo crítica e proposição. Negação e afirmação. Abrir e fechar. Destruição e construção. Ou como diria o próprio Gilberto, mestre na arte de usar os advérbios, trata-se de um livro diante do qual deve-se ter uma atitude criticamente construtiva sobre o pensamento social brasileiro.



Gilberto Freyre mostra a Francisco de Assis Barbosa e Carlos de Laet o exemplar de um livro sobre Gandhi.

JOAQUIM FALCÃO, 43, é presidente da Fundação Nacional Pró-Memória e ex-pesquisador da Fundação Joaquim Nabuco.